



ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

RAFAEL DALTON BRASIL PATO, Ten Cel Inf

Pequenas frações de tropa como vetor de inteligência em guerras de quarta geração

Rio de Janeiro

2024

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA
COORDENADORIA ACADÊMICA
CURSO DE COMANDO E ESTADO-MAIOR

RAFAEL DALTON BRASIL PATO, Ten Cel Inf

Pequenas frações de tropa como vetor de inteligência em guerras de quarta geração

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica como requisito parcial para aprovação no Curso de Comando e Estado-Maior.

Linha de Pesquisa: Poder Aeroespacial

Orientador: Roberto Ferraz Eboli.

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão a todos que contribuíram para a realização deste estudo. Ao meu orientador, Tenente Coronel Aviador Eboli, cujo conhecimento, orientação e apoio foram fundamentais; a todos os instrutores desta renomada Escola, que direta ou indiretamente colaboraram para o meu crescimento acadêmico e profissional; e aos meus amigos, que labutaram lado a lado neste desafio e forneceram valiosos apontamentos que enriqueceram este trabalho.

Além disso, agradeço à Força Aérea Brasileira e à Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, por proporcionar esta valiosa elevação profissional, assim como fornecer o ambiente adequado para meu aprimoramento.

Por fim, agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, Rosimar; à minha esposa, Denise; e à minha filha, Ana Clara, pelo amor e suporte contínuos, que foram essenciais para o meu sucesso nesta jornada.

Independentemente da natureza do conflito, seja ele regular ou irregular, o sucesso está associado, sempre, a atividades de inteligência conduzidas a bom termo. Essa afirmação é particularmente válida para o campo de batalha assimétrico, onde vencer a guerra da informação é um pré-requisito para o êxito da campanha (Visacro, 2009, p. 343).

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar de que maneira pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica (INFAER) poderiam contribuir para o levantamento de informações de inteligência durante as operações militares, dentro do contexto de guerras de quarta geração (G4G). Este estudo foi motivado pelo aumento da incidência de conflitos assimétricos no cenário mundial, que ocorrem em ambientes operacionais cada vez mais complexos. A metodologia adotada incluiu uma robusta revisão bibliográfica e uma vasta análise documental, explorando teorias consagradas e doutrinas da Força Aérea Brasileira (FAB), com foco na coleta de inteligência por frações de tropa. Observou-se que as G4G fundem os domínios militar, cultural e social, exigindo uma abordagem única de inteligência. Neste contexto, a inteligência humana (HUMINT) é fundamental e insubstituível, dada a capacidade de interpretar ambientes sociais e culturais e interagir com a população. Foi demonstrado que as G4G têm prevalecido no cenário mundial, destacando a necessidade do preparo da FAB para o emprego nesse tipo de conflito, particularmente da INFAER. Finalmente, após analisar os possíveis empregos da INFAER nestes cenários, foi verificado que a maior parte das legislações não prevêem a coleta de dados de inteligência por meio das frações de tropa. Conclui-se que é necessário adaptar as doutrinas a fim de aprimorar a utilização de HUMINT, aproveitando a capacidade das frações de tropa de INFAER em operar próximas à população e interpretar dinâmicas culturais e sociais, essenciais para a coleta de informações em ambientes complexos.

Palavras-chave: guerra de quarta geração; inteligência militar; inteligência humana; Infantaria da Aeronáutica.

ABSTRACT

This article aimed to analyze how the small units of the Brazilian Air Force Infantry (INFAER) could contribute to the gathering of intelligence information during military operations, within the context of fourth-generation wars (G4G). This study was motivated by the increasing incidence of asymmetric conflicts in the global scenario, which occur in increasingly complex operational environments. The adopted methodology included a robust bibliographic review and an extensive documentary analysis, exploring established theories and doctrines of the Brazilian Air Force (FAB), focusing on the collection of intelligence by troop units. It was observed that G4G merge military, cultural, and social domains, requiring a unique approach to intelligence. In this context, human intelligence (HUMINT) is fundamental and irreplaceable, given the ability to interpret social and cultural environments and interact with the population. It has been demonstrated that G4G have prevailed in the global scenario, highlighting the need for FAB's preparedness for deployment in this type of conflict, particularly by INFAER. Finally, after analyzing the possible employment of INFAER in these scenarios, it was found that most legislation does not foresee the collection of intelligence data by troop units. It is concluded that it is necessary to adapt the doctrines to improve the use of HUMINT, leveraging the ability of INFAER troop units to operate close to the population and interpret cultural and social dynamics, essential for collecting information in complex environments.

Keywords: *fourth-generation warfare; military intelligence; human intelligence; Brazilian Air Force Infantry.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Objetivos Específicos (OE)	13
Quadro 2 – Principais Conflitos do Século XXI	24
Quadro 3 – Ações de Força Aérea com a Participação da INFAER	26
Quadro 4 – Análise das Legislações	27

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

COMAER	Comando da Aeronáutica
DCA	Diretriz do Comando da Aeronáutica
FAB	Força Aérea Brasileira
G4G	Guerra de Quarta Geração
HUMINT	<i>Human Intelligence</i> (Inteligência Humana)
ICA	Instrução do Comando da Aeronáutica
INFAER	Infantaria da Aeronáutica
MCA	Manual do Comando da Aeronáutica
NOSDE	Norma Operacional do Sistema de Segurança e Defesa
OE	Objetivo Específico
PA	Polícia da Aeronáutica
SINTAER	Sistema de Inteligência da Aeronáutica
SISBIN	Sistema Brasileiro de Inteligência
TO	Teatro de Operações

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	METODOLOGIA	12
3	REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1	GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO	15
3.2	INTELIGÊNCIA	18
3.3	PAPEL DA INTELIGÊNCIA MILITAR EM AMBIENTES DE G4G	19
4	APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS	23
4.1	CONTRIBUIÇÕES ESSENCIAIS DA REVISÃO TEÓRICA	23
4.2	GERAÇÕES DE GUERRA NOS CONFLITOS ATUAIS	24
4.3	POSSÍVEIS EMPREGOS DE TROPA DE INFAER EM CENÁRIOS DE G4G	25
4.4	OBTENÇÃO DE DADOS DE INTELIGÊNCIA POR TROPA DE INFAER	27
5	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a evolução dos conflitos militares tem sido evidenciada por expressivas transformações nas estratégias, doutrinas e, principalmente, nas tecnologias empregadas. A natureza da guerra tem sido fortemente impactada pelas mudanças na sociedade, na política e na capacidade tecnológica global. A condução de conflitos atuais difere sobremaneira das noções tradicionais de guerra e, nesse contexto, surge a concepção de guerras de quarta geração.

As guerras de quarta geração caracterizam-se por conflitos descentralizados, valendo-se de aspectos sociais, culturais e econômicos, além do militar. Predominam táticas assimétricas, o envolvimento da população civil e a intensificação da guerra da informação (Lind *et al.*, 1989). A distinção entre combatentes e não combatentes se atenua, exigindo estratégias que abranjam aspectos cibernéticos, psicológicos e informacionais, destacando a importância de operações multidimensionais.

A Guerra do Iraque (2003-2011), bem como a Guerra do Afeganistão, iniciada em 2001 com o ataque às Torres Gêmeas e encerrada em 2021, com a retirada das tropas norte-americanas, e, mais recentemente, o conflito no leste europeu, entre Rússia e Ucrânia, são exemplos perfeitos de beligerâncias onde prevalecem as características da guerra de quarta geração, tais como guerra psicológica e uso da propaganda, táticas de guerrilha e atuação dentro da população civil. Grande parte dos conflitos deste século possuem os supracitados aspectos, que refletem a evolução da sociedade moderna e que conduz naturalmente a uma transformação da atuação da inteligência militar nestes cenários.

Nesta conjuntura, manifesta-se que as técnicas de coleta de informações de inteligência necessitam ser adaptadas para abastecer os decisores nesta forma de conflito moderna. É comum existir dificuldade de distinção entre alvos militares e civis, dada a complexidade dos Teatros de Operações (TO) contemporâneos, apenas para exemplificar. Para fazer frente a esta nova forma de ameaça, flexibilidade e dinamismo são fundamentais por parte das forças militares. Os comandantes das operações precisam de grande quantidade de informações, sendo assim a inteligência deve ser precisa e tempestiva.

O emprego da inteligência em atividades militares remonta dos tempos antigos, desde as primeiras civilizações, que já a utilizavam para sobrepujar seus adversários no campo de batalha. O clássico “A Arte da Guerra”, do estrategista militar chinês Sun Tzu, destaca a importância da inteligência militar e da coleta de informações como elementos fundamentais para a vitória: conhecer o inimigo e conhecer a si mesmo. A obra, referência até os dias

atuais, ressalta a necessidade de obtenção de informações precisas sobre o oponente e afirma que a inteligência não apenas influencia a tomada de decisões táticas e estratégicas, como também permite que uma força inferior possa vencer um adversário superior por meio da surpresa e da astúcia (Tzu, 2009).

No cenário contemporâneo de conflitos assimétricos, o papel da inteligência é ainda mais importante. Atualmente, o processo decisório dos comandantes é mais complexo que outrora, dada a ausência de linhas de frente definidas e até mesmo pelo envolvimento de atores não estatais. A inteligência precisa estar além da simples coleta de informações, sendo preciso entender as dinâmicas sociais, políticas e econômicas que influenciam o ambiente operacional, cada vez mais imprevisível. Isso exige uma abordagem multidimensional da inteligência, integrando fontes abertas, informações originadas dos grandes centros de inteligência militares e governamentais e o conhecimento obtido no próprio terreno, estabelecendo uma visão da situação o mais completa possível. A inteligência torna-se, em uma guerra de quarta geração, uma ferramenta estratégica primordial para o sucesso de uma operação.

Nesse contexto, pequenas frações de tropa, atuando dentro do Teatro de Operações, podem surgir como elementos valiosos para o levantamento de informações de inteligência. Estes elos são capazes de avaliar precisamente o terreno, as rotinas e toda conjuntura do ambiente em que estão inseridos em tempo real, e com proximidade e grau de detalhamento que instrumentos tecnológicos avançados por vezes não conseguem entregar. Em adição, a interação direta com a população civil permite o entendimento das condições políticas, ideológicas e sociais que permeiam o conflito. Portanto, as capacidades de inteligência são potencializadas com percepções únicas que podem vir a ser fundamentais para o processo decisório do Comandante do TO e para o êxito das operações militares.

Desta forma, define-se o seguinte problema de pesquisa: De que maneira pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica poderiam contribuir para o levantamento de informações de inteligência durante as operações militares, dentro do contexto de guerras de quarta geração?

De forma a abordar o problema de pesquisa proposto, este estudo se baseou na hipótese de que pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica, ao serem adequadamente treinadas em habilidades de inteligência, poderiam desempenhar um papel fundamental na aquisição de informações críticas do Teatro de Operações, em um cenário de guerra de quarta geração, abastecendo o comandante com conhecimentos essenciais para o seu processo decisório.

Reconhecendo a importância dessas pequenas unidades e em consonância com a hipótese levantada, o objetivo geral deste artigo foi analisar de que maneira pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica poderiam contribuir para o levantamento de informações de inteligência durante as operações militares, dentro do contexto de guerras de quarta geração.

Para isto, os seguintes objetivos específicos (OE) foram delineados:

OE1: Descrever a evolução da guerra de quarta geração, destacando suas características e o impacto das mudanças táticas e estratégicas nos conflitos modernos.

OE2: Abordar a história e a evolução da inteligência militar, destacando a relevância das fontes humanas de coleta de dados.

OE3: Descrever o papel da inteligência militar em ambientes de guerras de quarta geração.

OE4: Identificar e analisar as características predominantes dos conflitos atuais, classificando-os de acordo com as gerações de guerra.

OE5: Identificar os possíveis empregos de pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica em cenários de guerras de quarta geração.

OE6: Analisar a ocorrência e a importância do levantamento de informações de inteligência por parte de pequenas frações de tropa durante os conflitos de quarta geração.

A relevância deste estudo reside na compreensão ampliada que oferece sobre o papel indispensável da inteligência no apoio às operações militares, particularmente nos complexos cenários de guerras de quarta geração. No cenário nacional, a importância da inteligência está expressamente exposta na Estratégia Nacional de Defesa, que aponta que “o País deverá buscar o **constante aperfeiçoamento** da estrutura de comando, controle e monitoramento e **dos sistemas de inteligência** dos órgãos envolvidos na Defesa Nacional” (Brasil, 2020b, grifo nosso). O documento ainda pontua a Gestão da Informação como uma das Capacidades Nacionais de Defesa e a define da seguinte forma:

Capacidade que visa garantir a obtenção, a produção e a difusão dos conhecimentos necessários à coordenação e ao controle dos meios de que dispõe a Nação, **proporcionando o acesso à Inteligência aos tomadores de decisão** e aos responsáveis pelas áreas de Segurança Pública e de Defesa Nacional, em todos os escalões (Brasil, 2020b, p. 37-38, grifo nosso).

No que tange aos órgãos envolvidos na Defesa Nacional, cabe à Força Aérea Brasileira o desempenho de uma função primordial na produção de informações estratégicas que alimentem o Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN), com a finalidade de prover a Defesa Nacional do país.

No âmbito da FAB, a Doutrina de Inteligência da Aeronáutica estabelece que:

A Atividade de Inteligência inerente ao Sistema de Inteligência da Aeronáutica (SINTAER) é desenvolvida por meio de ações que visem à obtenção, à análise e à disseminação de conhecimentos, dentro e fora do território nacional, relativos aos fatos e às situações de imediata ou potencial influência sobre o processo decisório do Comando da Aeronáutica (COMAER), bem como a promoção e a manutenção da salvaguarda das fontes cujo sigilo seja do interesse da Aeronáutica (Brasil, 2022, p. 7).

A legislação acrescenta também que “compete ao SINTAER, ainda, o emprego da Atividade de Inteligência nos planejamentos e na condução de campanhas e operações militares em que houver a participação de meios de Força Aérea” (Brasil, 2022, p. 7). Sendo assim, fica explícita a importância estratégica da inteligência para a FAB, suportando o processo decisório e as operações militares.

Considerando a prevalência de conflitos caracterizados como guerras de quarta geração neste século e o eventual emprego de tropas de Infantaria da Aeronáutica neste cenário, cabe à FAB promover uma integração sólida entre inteligência e operações militares. Este esforço visa assegurar uma adoção de condutas que sejam mais eficazes, como também adaptável às complexidades dos conflitos contemporâneos.

Nessa perspectiva, este estudo revela-se de grande valor para a Força Aérea Brasileira, mostrando-se alinhado às diretrizes do Estado Brasileiro, orientadas por meio do Ministério da Defesa. O eventual aprimoramento de doutrinas, permite o uso dos recursos de forma mais eficiente, contribui para o planejamento e, conseqüentemente, para a execução de missões e ainda para a proteção das tropas. Em uma visão mais ampla, fortalece a capacidade da Força de reagir de maneira efetiva aos complexos desafios de segurança nacional e internacional.

Com a finalidade de verificar os temas apresentados, foi perseguida uma abordagem metodológica que incluiu pesquisas de literatura acadêmica especializada e documentos militares relacionados.

2 METODOLOGIA

Este trabalho é classificado, quanto ao seu objetivo, como uma pesquisa descritiva, uma vez que tem a finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis relacionadas ao papel das pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica na coleta de inteligência em guerras de quarta geração.

Em relação aos métodos empregados, o estudo é considerado uma pesquisa bibliográfica e documental, visto que elabora uma análise valendo-se do exame de livros e artigos científicos publicados por autores consagrados, e de Instruções, Doutrinas, Manuais e

outros documentos da Força Aérea Brasileira e do Ministério da Defesa. Quanto à forma de abordagem, a pesquisa é qualitativa, pois se baseia na interpretação de conceitos e na compreensão de processos operacionais por meio da investigação de documentos e literatura especializada existente, sem a utilização de métodos estatísticos para análise e interpretação dos dados.

Neste estudo, inicialmente adotou-se uma metodologia de revisão bibliográfica sistemática, valendo-se principalmente de consultas de fontes abertas. Foram selecionados materiais oriundos de sítios de internet relacionados a publicações militares e plataformas acadêmicas renomadas, tais como Biblioteca da Universidade da Força Aérea, Biblioteca do Exército, *RAND*, *Google Scholar*, *ResearchGate* e *Academia.edu*, além de livros publicados de autores reconhecidos pela comunidade especializada. O processo envolveu uma cuidadosa análise dos materiais para estruturar a pesquisa de interesse e delinear os principais referenciais teóricos empregados.

Para uma apresentação mais clara e estruturada dos métodos utilizados para atender aos objetivos específicos deste artigo, foi organizado o Quadro 1, que detalha cada objetivo específico proposto, descreve sua natureza e indica o método adotado para sua investigação, garantindo uma compreensão sistemática do processo de pesquisa aplicado.

Quadro 1 – Objetivos Específicos (OE).

OE	Descrição	Método adotado
OE1	Descrever a evolução da guerra de quarta geração, destacando suas características e o impacto das mudanças táticas e estratégicas nos conflitos modernos.	Pesquisa bibliográfica
OE2	Abordar a história e a evolução da inteligência militar, destacando a relevância das fontes humanas de coleta de dados.	Pesquisa bibliográfica/ documental
OE3	Descrever o papel da inteligência militar em ambientes de guerras de quarta geração.	Pesquisa bibliográfica/ documental
OE4	Identificar e analisar as características predominantes dos conflitos atuais, classificando-os de acordo com as gerações de guerra.	Pesquisa bibliográfica/ documental
OE5	Identificar os possíveis empregos de pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica em cenários de guerras de quarta geração.	Pesquisa documental
OE6	Analisar a ocorrência e a importância do levantamento de informações de inteligência por parte de pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica durante os conflitos de quarta geração.	Pesquisa bibliográfica/ documental

Fonte: O autor.

Inicialmente, a pesquisa buscou atender aos primeiros três objetivos específicos deste estudo, os quais estão intrinsecamente ligados à análise teórica bibliográfica, majoritariamente. Para o OE1, explorou-se a literatura referente à caracterização e evolução das guerras de quarta geração, ressaltando as mudanças táticas e estratégicas significativas nos conflitos modernos. No que tange ao OE2, a investigação se concentrou no desenvolvimento histórico da inteligência militar, desde a antiguidade até as modernas G4G, destacando a

relevância das fontes humanas para a coleta de dados. Já para o OE3, avaliou-se o papel crítico da inteligência militar no ambiente desafiador de G4G, enfatizando a importância da coleta e análise de informações sobre a cultura e a sociedade do inimigo para o sucesso das operações.

Posteriormente, para alcançar o OE4, realizou-se uma pesquisa documental detalhada utilizando o Uppsala Conflict Data Program (UCDP), uma base de dados mantida pela Universidade de Uppsala, na Suécia. A metodologia envolveu o levantamento e a classificação das características dos principais conflitos contemporâneos, conforme as definições de gerações de guerra estabelecidas na literatura especializada.

Na sequência, foi realizada uma investigação documental para atingir o OE5, a fim de verificar as possibilidades de emprego de tropa de Infantaria da Aeronáutica em cenários de G4G. Esta etapa focou na análise da Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira e de manuais operacionais, que descrevem o emprego dessas tropas no cumprimento das diferentes Ações de Força Aérea.

Por fim, procurando correlacionar as variáveis do estudo e atingir o OE6, analisou-se os tópicos relacionados à atividade de inteligência no emprego das mencionadas frações de tropa, dentro de um contexto de G4G, bem como a importância deste levantamento de informações para suprir o Sistema de Inteligência. Para tanto, foi realizada uma extensa busca nas documentações quanto à previsão de coleta de dados por parte das tropas de Infantaria da Aeronáutica, e então examinados os dados obtidos à luz do referencial teórico. Esta última etapa foi embasada em legislações da FAB e nos levantamentos bibliográficos de renomados especialistas em G4G.

Uma limitação relevante deste estudo reside no fato de que a Infantaria da Aeronáutica ainda não foi empregada em cenários reais de guerras de quarta geração, o que restringe a disponibilidade de dados empíricos concretos. Consequentemente, há uma escassez de informações de *feedback*, como relatórios de missão e análises pós-ação, que são fundamentais para avaliar o resultado do emprego da tropa. Portanto, há uma limitação para a capacidade de validação das teorias discutidas, assim como a proposição de recomendações baseadas em experiências de campo.

Com a definição das estratégias de pesquisa definidas, a discussão se expande para incluir uma revisão abrangente das teorias que sustentam o assunto, fornecendo embasamento teórico essencial para o desenvolvimento do estudo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

De forma a estabelecer um arcabouço teórico consistente para as argumentações deste artigo científico, foram examinadas as obras de diversos autores consagrados, buscando analisar e interpretar as teorias propostas de interesse do estudo. Os assuntos tratados cobrem uma vasta extensão de campos, englobando inteligência, guerras de quarta geração e o papel da inteligência neste contexto, abrangendo coleta de informações e relevância para operações militares, dentre outros aspectos.

3.1 GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO

A evolução da guerra, ao longo da história da humanidade, naturalmente reflete as mudanças da própria sociedade. As profundas e rápidas transformações na forma de condução da guerra acabaram despertando inúmeras teorias sobre as novas formas de combate, com focos levemente distintos e fornecendo diferentes denominações aos conflitos modernos, como guerras de quarta geração, o conceito das “novas guerras” e a teoria da “terceira onda”. Este estudo adotará como norte as discussões sobre as guerras de quarta geração, fenômeno que vem obtendo predominância nos conflitos modernos.

Em 1989, William S. Lind e os militares Keith Nightengale, Joseph Sutton, Gary Wilson e John Schmitt publicaram uma série de artigos tentando visualizar as características dos conflitos vindouros e propondo uma classificação da guerra em gerações, de acordo principalmente com as mudanças das condutas táticas empregadas pelos atores envolvidos. Dentre as características que definem a guerra de quarta geração, sobressai a perda do monopólio do Estado sobre a guerra e a percepção de que os conflitos englobam aspectos culturais, econômicos e sociais, além do militar, com o predomínio do emprego de táticas assimétricas (Lind *et al.*, 1989).

De acordo com os autores, cada mudança de geração ficou caracterizada por uma maior dispersão no campo de batalha e nas G4G isso se expande para toda a sociedade. O objetivo é vencer o inimigo internamente e não mais a sua completa destruição física, como outrora. Nesse sentido, evidencia-se a importância do conhecimento da cultura do inimigo. Lind postula que: “A guerra de Quarta Geração é também marcada por uma volta a um mundo de culturas, não meramente de países, em conflito” (Lind, 2005, p. 14).

A guerra passa a ter um aspecto amplo e indefinido. As fronteiras entre o estado de paz e guerra se tornam turvas e a distinção entre combatentes e não combatentes ficam mais

difíceis de visualizar. Lind *et al.* (1989) argumentam sobre a natureza borrada que caracteriza as G4G:

A distinção entre guerra e paz será turva ao ponto de desaparecer. Será não linear, possivelmente ao ponto de não ter campos de batalha ou frentes definíveis. A distinção entre "civil" e "militar" pode desaparecer. As ações ocorrerão simultaneamente em toda a profundidade de todos os participantes, incluindo sua sociedade como uma entidade cultural, não apenas física (Lind *et al.*, 1989, p. 24, tradução nossa).

Esta natureza difusa da guerra se dá pelo enfraquecimento do Estado como entidade organizadora governamental, que tem como consequência o estabelecimento de um ambiente propício ao surgimento de atores não estatais capazes e dispostos a desafiar o sistema vigente. A vontade política inepta, aliada a um desabamento social interno, favorece aos atores desafiantes da G4G a usar uma variedade de meios convencionais e não convencionais para erodir a vontade do Estado vigente (Hoffman, 2007).

O apoio da população à guerra e o entendimento da cultura do inimigo tornam-se objetivos dos beligerantes, que passam a usar a mídia como forma de influenciar seu povo, a comunidade internacional, assim como o próprio adversário e seus apoiadores. As operações psicológicas, por meio da manipulação dos meios de comunicação, se apresentam como ferramentas capazes até mesmo de impedir o envolvimento das forças em combate. A degradação do apoio da população inimiga ao seu governo é um importante objetivo e, desta forma, as notícias podem fazer mais estragos que poderosas forças militares (Lind *et al.*, 1989).

É essencial reconhecer que a quarta geração de guerra não é uma nova forma de combater na história humana. Ao contrário, ela remete a métodos antigos de conflito que eram comuns antes do estabelecimento do sistema de estado-nação, onde as batalhas não se limitavam a exércitos regulares enfrentando-se em linhas claramente definidas. Corroborando com esta afirmação, Lind (2005) expõe que:

A Quarta Geração não é algo novo, mas um retorno, especificamente um retorno, à maneira pela qual a guerra funcionava antes do surgimento do estado. Agora, como então, muitas entidades diferentes - não apenas os governos de países - travarão a guerra, e o farão por muitas razões distintas, não apenas como "uma promoção de políticas por outros meios". Usarão de muitas ferramentas diferentes para combater, não se restringindo ao que reconhecemos como sendo forças militares (Lind, 2005, p. 17).

Da mesma forma, as táticas utilizadas em guerras de quarta geração também não são novas. Muitos dos empregos são próprios de guerrilhas e outros são típicos do clássico terrorismo, ambas práticas utilizadas por exércitos inimigos desde a antiguidade. A diferença

é que agora estas técnicas são combinadas com tecnologia moderna, além de extrapolar o nível tático para os níveis operacional e estratégico. Sob essas circunstâncias, Lind (2005) afirma: “O que a caracterizará [G4G] não serão grandes mudanças em como o inimigo combate, mas quem estará lutando e para que” (Lind, 2005, p. 17).

O Coronel Visacro, do Exército Brasileiro, endossa essa ideia e destaca a relevância de fatores além do puramente militar no cenário das G4G ao acrescentar:

A guerra de quarta geração será decidida nos níveis operacional, estratégico, mental e moral, ao invés dos níveis tático e físico. Portanto, a forma de emprego das forças armadas e o uso que se fará de suas unidades depois de subjugadas as forças inimigas serão tão importantes quanto a própria vitória no campo de batalha (Visacro, 2009, p. 40).

Oficial aposentado da Marinha norte-americana, Thomas Hammes (2006) afirma que as G4G se valem dos aspectos políticos, econômicos, sociais e militares para incutir na liderança oponente a ideia de que seus objetivos estratégicos são inalcançáveis ou apresentam uma relação custo/benefício muito elevada. A meta é destruir a vontade do adversário de continuar combatendo e não os seus ativos militares. O foco reside em moldar a vontade política e inspirar a percepção do público, posicionando a população dos beligerantes para ser influenciada pelos atores envolvidos. Desta forma, a guerra de narrativas assume um papel que pode ser decisivo nos conflitos.

Lind e Thiele (2015) sustentam que, nas gerações anteriores, a estratégia era campo de domínio dos generais, contudo as G4G introduzem a figura do “cabo estratégico”. Nesta visão, as ações de um único militar em emprego tático podem ter importantes repercussões estratégicas, especialmente quando registros audiovisuais são realizados e divulgados. Assim, os escalões mais baixos deverão ter capacidade de combinar tarefas táticas com objetivos operacionais e estratégicos. E, ratificando a relevância da guerra informacional neste cenário, os autores afirmam que: “na maioria das situações da Quarta Geração, é mais importante não matar as pessoas erradas do que matar os oponentes armados” (Lind; Thiele, 2015, p. 160, tradução nossa).

Conforme argumentado por Lind *et al.* (1989), haveria uma prevalência de conflitos caracterizados como guerras de quarta geração neste século. A previsão de Lind sobre a G4G reflete a crescente complexidade dos conflitos contemporâneos, onde os estados de guerra e de paz muitas vezes se misturam, a distinção de combatentes e não combatentes é cada vez mais difusa, a atuação de atores não estatais é mais frequente e o Teatro de Operações pode se expandir para o campo da informação ou o ciberespaço.

Diversos são os autores que corroboram essa afirmação, como Visacro (2011, p. 55), que

expressou: “Consolidando-se as tendências atuais, os conflitos irregulares deverão exercer um claro predomínio sobre as tradicionais formas de beligerância”, e David Kilcullen, ao afirmar que:

Conflitos entre Estados sempre foram relativamente raros e estão se tornando cada vez menos frequentes. Por outro lado, a guerra irregular tem sido historicamente a principal forma de violência organizada ao redor do planeta e é provável que continue assim (Kilcullen, 2013, p. 103, tradução nossa).

No último século, a conduta da guerra foi demasiadamente transformada, por meio do avanço tecnológico, das manifestações culturais e da inevitabilidade de práticas de inteligência modernas para atuar nas operações não convencionais. Especialmente, a guerra de quarta geração marca um momento singular na mencionada transformação, desafiando as noções tradicionais de conflito e exigindo novas e inovadoras abordagens nas doutrinas e estratégias de defesa e inteligência.

3.2 INTELIGÊNCIA

A relevância da inteligência em beligerâncias remonta desde a antiguidade, quando os primeiros registros já narravam o uso de espionagem e reconhecimento como práticas comuns. A obra “A Arte de Guerra”, de Sun Tzu, é comumente citada como um dos primeiros relatos nesse sentido, no entanto historiadores afirmam que a civilização egípcia já se valia de espionagem em campanhas militares que datam de milênios antes de Cristo.

Heródoto, historiador grego considerado o “Pai da História”, escreveu a respeito das Guerras Greco-Pérsicas no século V a.C., mencionando o uso de inteligência e espiões pelos dois lados, influenciando o resultado de grandes batalhas. O descobrimento das rotas que permitiram cercar os gregos na famosa Batalha das Termópilas, a antecipação dos desdobramentos navais dos persas que permitiram aos gregos, em inferioridade numérica, vencer o confronto da Batalha de Salamina, e o conhecimento de informações críticas que guiaram os mesmos gregos à vitória na Batalha de Maratona ilustram o impacto decisivo da inteligência no resultado destas guerras remotas (Heródoto, 1988).

Na Guerra do Peloponeso, que ocorreu entre 431 e 404 a.C., a inteligência militar desempenhou um papel fundamental, influenciando as estratégias e os resultados dos confrontos entre Atenas e Esparta. Ambas as cidades-estado empregaram métodos de espionagem, interceptação de comunicações, desinformação e análise das capacidades e intenções inimigas para obter vantagens. O recurso da inteligência foi deveras utilizado, seja para antecipação às ações do adversário, seja para influenciar a tomada de decisões, valendo-

se de estratégias para enganar o inimigo. Este aspecto do conflito sublinha a diversidade de métodos, bem como a importância da coleta e análise de informações na antiguidade, moldando não apenas operações militares específicas, mas também a conduta geral e os objetivos estratégicos dos beligerantes (Tucídides, 2001).

Portanto, a inteligência é provavelmente tão antiga quanto a própria guerra, contudo evoluiu em complexidade, métodos e nas tecnologias utilizadas, adaptando-se às mudanças da sociedade moderna e evoluindo sua aplicação nos conflitos. Hurtado (1992, p. 21) preconiza que “a inteligência militar não é nada mais do que o resultado de um processo que deve nos levar ou aproximar da verdade”. Cepik (2003, p. 27) acrescenta mais uma camada ao conceito, ao inserir a ideia de suporte ao processo decisório, quando afirma que a inteligência é “toda informação coletada, organizada ou analisada para atender as demandas de um tomador de decisões qualquer”.

Diversas são as formas de obtenção de dados para produção de conhecimento. No âmbito da FAB, a Doutrina de Inteligência da Aeronáutica, MCA 200-1, divide as fontes para a atividade de inteligência em: fontes humanas, fontes de imagens, fontes de sinais, fontes acústicas e fontes cibernéticas (Brasil, 2022).

O Manual apresenta o conceito de fontes humanas da seguinte forma: “são elementos humanos que possuem ou obtém dados de interesse da Atividade de Inteligência. As fontes humanas fornecem menor quantidade de dados. Entretanto, por serem mais qualitativas, são as bases mais relevantes para a produção de conhecimentos” (Brasil, 2022, p. 16).

Em guerras de quarta geração, a relevância das fontes humanas é ainda maior, dado que a população se transforma no principal recurso para coleta e busca de dados. Neste contexto, o uso de tropas como vetores de inteligência é fundamental para o aumento da consciência situacional em um TO.

3.3 PAPEL DA INTELIGÊNCIA MILITAR EM AMBIENTES DE G4G

O sucesso em conflitos armados está sempre associado a atividades de inteligência bem planejadas e executadas, especialmente em ambientes de confrontos assimétricos, onde a guerra da informação é condição prévia para o êxito da campanha. Em contraste com as operações convencionais, que focam nas ordens do inimigo e no terreno, nas guerras de quarta geração a ênfase recai sobre o entendimento da cultura e da sociedade do inimigo, à identificação da organização dos atores irregulares, suas lideranças e redes de apoio e leitura do ambiente político e social (Visacro, 2009).

A despeito da vasta diversidade de meios tecnológicos e avançados sistemas, que permitem a obtenção de um volume de dados sem precedentes na história dos conflitos, o lado humano ganha grande significância nas G4G. Lind e Thiele (2015) afirmam que em uma guerra de quarta geração, a eficácia da inteligência reside menos na tecnologia e mais na interação humana e na compreensão cultural.

As G4G exigem constantes adaptações, haja vista a evolução rápida da tecnologia e dos métodos dos atores. A inteligência opera com uma complexidade singular, visto que o volume de dados recebidos na era digital é imenso e a dificuldade de filtragem, tratamento e análise de informações relevantes é desafiador. Concomitantemente e de forma a dificultar ainda mais a atuação da inteligência, as forças irregulares são altamente adaptáveis aos empregos dos exércitos regulares e às peculiaridades do terreno e utilizam a inteligência de forma engenhosa para potencializar suas vantagens estratégicas (Visacro, 2009).

Nesse novo e desafiador cenário operacional, a atividade de inteligência se reveste de uma importância singular, dado que o conhecimento dos costumes e modos de operação do inimigo e a análise detalhada do terreno se tornam indispensáveis para o sucesso no planejamento de qualquer missão. No panorama de conflitos contra insurretos, somente a inteligência bem executada pode fornecer o entendimento estratégico necessário para entender o nível de enfrentamento adequado (Jackson, 2007).

Visacro (2009) acrescenta que toda operação militar deve pautar-se em um competente trabalho de inteligência e, ademais, ser planejada e executada considerando a obtenção de informações para o Sistema de Inteligência, em sua totalidade. Sendo assim, todos os escalões, inclusive pequenas frações de tropa, devem estar preparados e orientados para a coleta de dados. Mark McNeilly (2003, p. 123) reforça este entendimento, alegando que “em organizações militares bem administradas, as infraestruturas de coleta de dados incluem processos que treinam soldados individuais para procurar informações-chaves do inimigo e trazê-las de volta para equipes de analistas de inteligência”.

A destacada importância dos baixos escalões na atividade de inteligência nas G4G é corroborada por Lind e Thiele (2015), que afirmam que:

A natureza granular dos campos de batalha da Quarta Geração significa que cada companhia pode enfrentar uma situação diferente, que ela conhece muito melhor do que qualquer quartel-general superior pode. A inteligência deve ser um processo de baixo para cima, não de cima para baixo; quartéis-generais de nível superior criarão um quadro de inteligência em grande parte juntando as análises de pequenas unidades. Isso sugere, por sua vez, que os ativos de inteligência, especialmente o pessoal treinado, devem ser descentralizados para os níveis de batalhão e companhia (Lind; Thiele, 2015, p. 180, tradução nossa).

David Kilcullen (2013) discute a natureza mutável da guerra moderna, enfatizando a

importância da agilidade, adaptabilidade e compreensão do ambiente operacional para o sucesso das operações militares. Em face das guerras de quarta geração, que frequentemente ocorrem em setores urbanos densos e conectados, pequenas unidades desempenham um papel fundamental, não se limitando à ação direta, mas também atuando como agentes primordiais na coleta de inteligência. Essas unidades, dotadas de alta mobilidade, capacidade de se misturar com o ambiente e aptidão para operar em rede, são capazes de coletar e transmitir informações que podem ser decisivas para o entendimento e resposta aos desafios apresentados. Ao tratar de contrainsurgência, dentro do contexto de G4G, o autor postula:

Em contrainsurgência, matar o inimigo é fácil. Encontrá-lo é muitas vezes quase impossível. Inteligência e operações são complementares. Suas operações serão orientadas pela inteligência, mas a inteligência virá principalmente de suas próprias operações, não como um produto preparado e entregue pelo quartel-general superior. Portanto, você deve se organizar para a inteligência (Kilcullen, 2006, p. 104, tradução nossa).

Em alinhamento com esta ideia, Lind e Thiele (2015, p. 112, tradução nossa, grifo nosso) são bastante contundentes ao afirmar que “**na guerra de quarta geração, praticamente toda a inteligência útil é inteligência humana**. Frequentemente, tal HUMINT deve ser coletada e atuada com técnicas furtivas, onde as ações do estado permanecem invisíveis para a população local”.

Brian Jackson (2007), ao analisar a atuação britânica na Irlanda do Norte, também enfatiza o valor significativo das unidades de menor porte no sucesso global das atividades de inteligência, destacando que cada soldado é mais do que um simples sensor. Segundo o autor, a principal fonte da força das operações de inteligência nos escalões menores advém dos componentes de segurança que cumprem missões de observação e integração com a população. Neste ínterim, cada combatente no Teatro de Operações é um elemento de coleta de dados, cada soldado é um sensor de inteligência. O autor complementa ainda que:

Na realidade, entretanto, o soldado é mais do que um simples sensor, dado que os indivíduos possuem a capacidade de processamento e a habilidade de avaliar a informação, para diferenciar o que representa algo importante e diferente de um falso positivo. O sistema tecnológico simples não é capaz de fazer essa discriminação. Considerando que os insurretos e terroristas se misturam com a população, estar familiarizado com as atividades normais da população permite que se identifique quando existe alguma alteração relacionada com as ações dos insurretos (Jackson, 2007, p. 51, grifo nosso).

Desta forma, em contraste com a maior parte dos instrumentos militares mais imponentes, como aeronaves, carros de combate e navios de grande porte, as pequenas unidades de tropa, atuando mais perto da população, conferem uma dimensão mais humana ao conflito. A capacidade de realizar questionamentos táticos, conduzir entrevistas detalhadas e reportar informações precisas, faz da HUMINT uma fonte indispensável para operações de inteligência, oferecendo

percepções críticas que podem influenciar significativamente o planejamento e a execução de estratégias militares (Lind; Thiele, 2015).

Visacro (2009) comenta que, no combate às forças irregulares, as fontes humanas assumem destacada relevância, à medida que a população é o recurso mais significativo para a busca e coleta de dados. O autor discorre que civis e soldados da área, que conheçam o idioma, o cotidiano e os costumes do local de interesse podem facilmente reconhecer estranhos e alterações na rotina, produzindo, desta forma, relatos valiosos para a inteligência. Ele completa afirmando que:

Toda ação militar, mesmo aquela que não é necessariamente uma ação de combate, deve ser concebida, planejada e executada considerando sua possível contribuição para os esforços do sistema de inteligência como um todo. Dessa forma, até os menores escalões deverão estar orientados para a coleta de dados e aptos a colaborar com a produção de conhecimento (Visacro, 2009, p. 344, grifo).

A utilização da tropa como vetor de inteligência encontra-se prevista na doutrina militar norte-americana, com amplas experimentações em combate real: “Todo membro da tropa é uma fonte potencial para a coleta de dados de inteligência. A tropa frequentemente tem contato com a ameaça, a população civil ou o meio ambiente” (Estados Unidos da América, 2006, p. 5-8, tradução nossa). No âmbito nacional, o Exército Brasileiro está alinhado com este entendimento e atribui a todos os integrantes o dever de atuar em prol da obtenção de dados e informações: “Todo integrante da Força Terrestre é um sensor que pode e deve levantar dados e informações e que, para tanto, contribui com o esforço de produção de conhecimento HUMINT” (Brasil, 2015, p. 3-1).

A experiência norte-americana relata ainda que muitos combatentes absorvem dados úteis durante as operações militares, contudo não percebem a importância ou ainda não têm conhecimento de como reportar os fatos relevantes que presenciaram, desperdiçando assim informações valiosas que poderiam ser essenciais para a inteligência militar. Nessa esteira, o documento cita a fundamental necessidade de treinamento da tropa, mesmo nos escalões mais baixos, para a adequada identificação, coleta e reporte de informações de inteligência (Estados Unidos da América, 2006).

Dentro do contexto de guerra de quarta geração, Lind e Thiele (2015) defendem que o treinamento para a atividade de inteligência precisa ser adaptado para o enfrentamento aos desafios específicos apresentados por este tipo de conflito: “Em vez de treinar o pessoal de inteligência em um método rotineiro, devemos educá-los de forma ampla para que possam desenvolver um sentimento instintivo pela situação, incluindo seus componentes históricos, culturais e étnicos” (Lind; Thiele, 2015, p. 181, tradução nossa).

Tendo explorado a fundamentação teórica acerca das guerras de quarta geração e da inteligência militar, assim como suas correlações, identificando o importante papel da inteligência em ambientes de G4G, serão examinados os dados obtidos e analisadas as legislações da FAB pertinentes, buscando alcançar o objetivo geral deste estudo.

4 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os dados coletados e a análise dos resultados obtidos, abrangendo a revisão da literatura, o exame de documentos e a interpretação dos dados. Com essas atividades, busca-se solucionar o problema do artigo, fornecer uma compreensão mais aprofundada do tema e alcançar o objetivo geral proposto.

4.1 CONTRIBUIÇÕES ESSENCIAIS DA REVISÃO TEÓRICA

Em conformidade com o aprofundado referencial teórico, com destaque para as considerações de Lind (2005), verificou-se que a evolução da guerra de quarta geração altera as noções tradicionais de conflito, ao assumir um paradigma onde a população civil e a guerra psicológica tornam-se aspectos centrais. Os estudos examinados ilustram que, de forma oposta às guerras tradicionais, os conflitos modernos frequentemente dissipam a distinção entre combatentes e não combatentes, exigindo uma abordagem de inteligência que perpassa a mera coleta de informações focada em aspectos puramente militares.

Alinhado com os estudos de Lind e Thiele (2015), ao estudar o passado e a evolução da inteligência militar, percebe-se a crescente importância da utilização de fontes humanas para a coleta de dados. Estas fontes são fundamentais para entender as dinâmicas culturais, sociais e políticas que influenciam os conflitos modernos, resultando em uma visão valiosa para os escalões superiores. Apesar dos avanços tecnológicos, a capacidade de compreender, analisar e interpretar rotinas, costumes e interações sociais são inerentes ao ser humano e os militares em campo são vetores indispensáveis para esta finalidade.

Os mesmos autores afirmam que em cenários de guerras de quarta geração, caracterizados por conflitos assimétricos e adversários mesclados em um complexo ambiente civil, a exigência de inteligência centrada no aspecto humano é primordial. Visacro (2009) corrobora com estes entendimentos e expande o raciocínio ao sustentar que a tomada de decisões e a estratégia militar são influenciadas pelas transformações dinâmicas da população envolvida no conflito, sendo necessária uma acentuada compreensão dos contextos políticos e

sociais. Assim, uma abordagem multidimensional de inteligência, por meio de coleta e análise de dados mais tradicionais associado com conhecimentos coletados por fontes humanas, é indispensável para o sucesso militar em G4G.

4.2 GERAÇÕES DE GUERRA NOS CONFLITOS ATUAIS

A Concepção Estratégica Força Aérea 100, DCA 11-45, estabelece a missão da Aeronáutica: “Manter a soberania do espaço aéreo e integrar o território nacional, com vistas à defesa da pátria” (Brasil, 2018, p. 20). A legislação adiciona ainda que: “a Aeronáutica deverá defender o Brasil, impedindo o uso do espaço aéreo brasileiro e do espaço exterior para a prática de atos hostis ou contrários aos interesses nacionais” (Brasil, 2018, p. 19).

É importante observar que, para garantir o cumprimento de sua missão, a FAB pode ser envolvida em um eventual conflito armado e, neste cenário, torna-se imperativo analisar as tendências globais em beligerâncias. Desta forma, o Quadro 2 apresenta um levantamento dos principais conflitos do século XXI, apontando suas características e em que geração de guerra o conflito é classificado, tomando como referência as definições de Lind (2005).

Quadro 2 – Principais Conflitos do Século XXI.

Nome do Conflito	Período	Principais Atores Envolvidos	Características do Conflito	Geração
Guerra ao Terror	2001-presente	EUA e aliados, Al-Qaeda, Taliban, ISIS	Insurgências, guerra assimétrica, alvos civis, atores não estatais.	4ª
Guerra do Iraque	2003-2011	EUA e aliados, Iraque	Guerra convencional, velocidade, insurgência, guerra assimétrica, guerra psicológica.	3ª e 4ª
Guerra Civil Síria	2011-presente	Governo Sírio, rebeldes, ISIS, potências estrangeiras	Guerra assimétrica, guerra urbana, atores não estatais, guerra híbrida, guerra psicológica e de informação.	4ª
Conflito Israel-Palestina	Século XXI	Israel, Palestinos	Guerra assimétrica, atores não estatais, guerra de informações, táticas de guerrilha.	4ª
Guerra do Afeganistão	2001-2021	EUA e OTAN, Taliban	Insurgência, atores não estatais, guerra assimétrica, táticas de guerrilha, uso de propaganda.	4ª
Guerra Civil Iemenita	2015-presente	Governo do Iêmen, Houthi, Arábia Saudita, aliados	Guerra por procuração, atores não estatais, guerra assimétrica, guerra híbrida, guerra de informação.	4ª
Conflito no Leste da Ucrânia	2014-presente	Rússia, Ucrânia	Guerra híbrida, ciberataques, guerra de informação, operações especiais.	4ª
Conflito no Sahel	2012-presente	Mali, Burkina Faso, Níger, Grupos Jihadistas	Guerra assimétrica, atores não estatais, insurgência, táticas de guerrilha.	4ª
Guerra Civil na Líbia	2011-presente	Líbia, milícias, grupos Jihadistas.	Atores não estatais, guerra híbrida, guerra de informação.	4ª
Guerra de Darfur	2003-presente	Sudão, grupos rebeldes, milícias	Atores não estatais, guerra assimétrica, táticas de guerrilha.	4ª

Fonte: Adaptado de Uppsala Universitet (2024).

Os dados apresentados no Quadro 2 foram obtidos do Uppsala Conflict Data Program (UCDP), uma base de dados mantida pela Universidade de Uppsala, na Suécia, e reconhecida mundialmente por sua abrangência e precisão nas informações sobre conflitos armados globais.

Foram analisados os conflitos armados mais relevantes deste século e, por meio de suas características, foi identificada a geração de guerra predominante, conforme apontado na última coluna. Corroborando com o referencial teórico de Lind (2005), que previu que haveria uma prevalência de guerras de quarta geração no século XXI, foi observado que, de fato, na totalidade dos conflitos analisados, **sobressaíram** as características de G4G. A análise detalhada dos dados revelou que os conflitos contemporâneos frequentemente envolvem atores não estatais, insurgências e guerra assimétrica, elementos centrais das G4G.

Desta forma, percebe-se a importância do preparo da Força para o emprego no aludido cenário e, em particular, da Infantaria da Aeronáutica, como um dos Quadros de combatentes da FAB.

4.3 POSSÍVEIS EMPREGOS DE TROPA DE INFAER EM CENÁRIOS DE G4G

A Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira estabelece que:

As Ações de Força Aérea dizem respeito aos efeitos que podem ser produzidos com os Meios Aeroespaciais e Meios de Força Aérea e descrevem atos específicos a serem executados no nível tático para a consecução de objetivos estratégicos, operacionais ou, prioritariamente, táticos (Brasil, 2020a, p. 26).

Para fins de contextualização, são denominados Meios Aeroespaciais as aeronaves, aeronaves remotamente pilotadas e plataformas espaciais. Meios de Força Aérea referem-se ao pessoal, armamentos, instalações, veículos terrestres, embarcações, equipamentos e sistemas. Em ambos os casos, os meios podem pertencer à FAB ou serem a ela adjudicados, com a finalidade de executar determinadas Ações de Força Aérea (Brasil, 2020a).

Em guerras de quarta geração, diversas são as Ações de Força Aérea que podem valer-se do emprego da Infantaria da Aeronáutica. Desta forma, foi realizada uma análise na legislação supramencionada, com o propósito de identificar os possíveis empregos da INFAER nesses cenários. Faz-se necessário citar que foram selecionadas apenas Ações que se valem do emprego de **tropa** de Infantaria de Aeronáutica. Deste modo, Ações que podem utilizar militares de INFAER, mas não são majoritariamente atribuídas a tropa ou fração de tropa, não foram consideradas neste estudo.

O Quadro 3 expõe as Ações que cumprem o requisito, assim como a definição destas, conforme a Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira:

Quadro 3 – Ações de Força Aérea com a Participação da INFAER.

Ação de Força Aérea	Definição
Ação Direta	Consiste em empregar Meios de Força Aérea para neutralizar alvos oponentes de valor estratégico ou operacional, em áreas hostis ou sob controle do oponente, produzindo efeitos específicos sobre o Poder Aeroespacial oponente. Caracteriza-se pelo emprego de meios cinéticos contra alvos fixos e estacionários, utilizando-se técnicas de infiltração e exfiltração, ações terrestres curtas e específicas no objetivo, com engajamento mínimo, podendo contar com apoio de fogo aéreo ou naval.
Autodefesa de Superfície	Consiste em empregar Meios de Força Aérea para detectar, identificar e neutralizar ataques realizados por forças terrestres, aeroterrestres, aeromóveis ou anfíbias oponentes às Áreas Sensíveis e aos Pontos Sensíveis de interesse da Força Aérea, por meio do emprego de meios cinéticos contra alvos móveis de superfície.
Busca e Salvamento	Consiste em empregar Meios Aeroespaciais e de Força Aérea para buscar, localizar e salvar pessoas desaparecidas e/ou em perigo, geralmente envolvendo aeronaves ou embarcações, em virtude das restrições dos órgãos privados e de Segurança Pública de meios adequados para acesso rápido aos locais que se encontram as vítimas.
Busca e Salvamento em Combate	Consiste em empregar Meios Aeroespaciais e de Força Aérea para buscar, localizar, identificar e salvar militares ou civis de interesse que se encontrem em território hostil, especialmente tripulantes abatidos ou acidentados.
Contraterrorismo	Consiste em empregar Meios de Força Aérea para neutralizar a ação de grupos terroristas, em um contexto de Garantia da Lei e da Ordem ou de Defesa da Pátria, em áreas de interesse da Força Aérea, agindo no combate a ataques de forças oponentes.
Defesa Antiaérea	Consiste em empregar Meios de Força Aérea, a partir da superfície, para detectar, identificar e neutralizar vetores aéreos oponentes que ameacem forças amigas e Áreas ou Pontos Sensíveis de interesse da Força Aérea, por meio do emprego de meios cinéticos contra alvos aéreos.
Guiamento Aéreo Avançado	Consiste em empregar Meios de Força Aérea para coordenar, a partir do solo, o ataque de aeronaves contra alvos oponentes.
Polícia da Aeronáutica	Consiste em empregar Meios de Força Aérea para manter a lei e a ordem no interior de instalações militares ou em áreas de interesse da Força Aérea.
Reconhecimento Especial	Consiste em empregar Meios de Força Aérea, em ambientes longínquos, hostis ou sob controle do inimigo, para obter ou confirmar, a partir do solo, conhecimentos específicos sobre o Poder Aeroespacial oponente.
Segurança das Instalações	Consiste em empregar Meios de Força Aérea para assegurar, em caráter rotineiro, a integridade do patrimônio e das instalações de interesse da Força Aérea.

Fonte: Adaptado de Brasil (2020).

A DCA 125-5 “Conceito de Emprego da Infantaria da Aeronáutica” corrobora a análise realizada ao elencar todas as Ações de Força Aérea com a participação da INFAER e relacionar essas Ações com cenários prospectados. Nesta Diretriz, as Ações mencionadas no Quadro 3 são ligadas à possibilidade de atuação em conflitos regionais e em conflitos externos ao Brasil na América do Sul, entre outras hipóteses (Brasil, 2019). As guerras de quarta geração se enquadram nessas possibilidades de emprego.

4.4 OBTENÇÃO DE DADOS DE INTELIGÊNCIA POR TROPA DE INFAER

De forma a verificar a doutrina de coleta de dados por meio das tropas de Infantaria da Aeronáutica, foi feita uma análise nas legislações que norteiam o emprego da INFAER, buscando identificar se há previsão para coletas de dados por parte da tropa com a finalidade de abastecer o SINTAER. O Quadro 4 resume a vasta análise realizada:

Quadro 4 – Análise das Legislações.

Ação de Força Aérea	Legislação	Possui previsão de coleta de dados por parte da tropa?
Ação Direta	MCA 55-42/2021 Operações Especiais	Não
Autodefesa de Superfície	MCA 125-17/2023 Autodefesa de Superfície	Não
	MCA 125-22/2021 Proteção de Meios Aéreos Desdobrados	Não
Busca e Salvamento	ICA 64-7/2023 Busca e Salvamento	Não
	MCA 64-3/2019 Manual de Coordenação de Busca e Salvamento Aeronáutico	Não
Busca e Salvamento em Combate	MCA 55-45/2024 Busca e Salvamento em Combate	Não
Contraterrorismo	MCA 55-42/2021 Operações Especiais	Não
Defesa Antiaérea	MCA 355-1/2023 Manual de Defesa Antiaérea	Não
Guiamento Aéreo Avançado	MCA 55-42/2021 Operações Especiais	Não
Polícia da Aeronáutica	MCA 125-3/2020 Controle de Distúrbios	Não
	MCA 125-6/2019 Escolta Motorizada	Não
	MCA 125-7/2020 Posto de Bloqueio e Controle de Vias	Não
	MCA 125-11/2020 Aplicação de Medidas de Controle de Solo pela Aeronáutica	Não
	MCA 125-13/2019 Segurança de Autoridades	Não
	MCA 125-14/2020 Escolta de Batedores	Não
	MCA 125-18/2020 Motopatrulhamento	Não
	MCA 125-19/2022 Emprego de Cães de Guerra	Não
	MCA 125-21/2021 Busca e Apreensão	Não
	MCA 125-24/2023 Escolta Fluvial	Não
	MCA 125-25/2023 Policiamento Montado	Não
Reconhecimento Especial	MCA 55-42/2021 Operações Especiais	Sim
Segurança das Instalações	NOSDE/PRO/205/2019 Emprego de Tropa nas Áreas de Interesse da Segurança e Defesa das Organizações Militares do COMAER	Não
	NOSDE/PRO/207A/2024 Controle de Acesso às Instalações	Não

Fonte: O autor.

É importante mencionar que a Ação de Segurança de Instalações não possui um manual norteador, aos moldes da maioria das demais Ações, no entanto foram analisadas as

Normas Operacionais do Sistema de Segurança e Defesa (NOSDE) que tratam do emprego da tropa neste tipo de missão. Tampouco existe um manual de Polícia da Aeronáutica (PA), muito embora existam diversos manuais que tratam de empregos específicos de tropa de PA em variadas atividades, que foram verificados neste estudo.

Foi constatado que grande parte das legislações enfatizam a importância da Inteligência para o planejamento das missões, de forma a permitir aos comandantes o arcabouço necessário para a tomada de decisão. O Manual de Defesa Antiaérea e o Manual de Autodefesa de Superfície trazem, inclusive, um anexo contendo um rol de itens que possuem a finalidade de prover o levantamento das informações necessárias para a análise do ambiente operacional e da situação das forças inimigas, denominado “Elementos Essenciais de Inteligência”. Os dados necessários para este instrumento preparatório podem ser coletados por meio de patrulhas de reconhecimento ou serem fornecidos por elo do SINTAER à Unidade de Infantaria (Brasil, 2023).

Por outro lado, as legislações não preconizam a coleta de dados de inteligência por meio das frações de tropa, ou quando o fazem, citam apenas superficialmente esta possibilidade de emprego, sem determinar a atuação neste sentido ou propor a adoção de procedimentos padronizados e regulares durante as missões. A exceção óbvia é o MCA 55-42 “Operações Especiais”, ao tratar da Ação de Reconhecimento Especial, uma vez que esta Ação tem por finalidade a obtenção ou verificação de dados e informações de importância estratégica, operacional ou tática, em ambientes longínquos, hostis ou sob controle do inimigo (Brasil, 2021).

Cabe ressaltar que a DCA 125-5 “Conceito de Emprego da Infantaria da Aeronáutica” deixa clara a destacada importância da atividade de inteligência para diversas Ações de Força Aérea que se valem do emprego da INFAER, proporcionando aos comandantes os conhecimentos necessários para tomadas de decisão. A legislação ainda afirma que as Unidades de Infantaria devem também coletar dados de inteligência, sem contudo clarificar de que forma isso é realizado, tampouco determinando esta coleta durante o cumprimento das missões executadas:

As Unidades de Infantaria não devem restringir-se à recepção e a utilização do conhecimento difundidos pelos elos do Sistema de Inteligência da Aeronáutica (SINTAER), mas também realizar a coleta de dados para o referido sistema, bem como contribuir para a difusão oportuna das informações por ele emitidos (Brasil, 2019, p. 22).

De uma forma geral, é notório que os documentos verificados sublinham a relevância da inteligência como ferramenta de apoio essencial para o cumprimento das diferentes

missões atribuídas à tropa de Infantaria da Aeronáutica. No entanto, os conhecimentos de inteligência necessários aos planejadores e comandantes de missões são fornecidos, principalmente, por meio de análises produzidas pelos escalões superiores.

Não é claramente atribuída às tropas em campo a responsabilidade de realizar a busca e coleta de dados durante a execução de suas missões, perdendo-se assim uma clara oportunidade de coleta e difusão de conhecimento que pode vir a ser importante para o Sistema de Inteligência, bem como para futuras missões. Conforme apontado pelos referenciais teóricos, a obtenção de dados por parte de elementos de tropa em campo é fundamental durante os conflitos de quarta geração, onde o adversário se camufla entre os civis e os confrontos são complexos e dinâmicos.

Desta forma, a doutrina de Infantaria atual encontra-se com uma omissão relevante quanto ao emprego da INFAER no contexto de G4G. É de fundamental importância o aprimoramento das legislações atinentes à Infantaria da Aeronáutica, de forma a permitir a adequada orientação das tropas atuando em missões, assim como oportunizar sua capacitação para a coleta de dados relevantes para todo o Sistema de Inteligência da Aeronáutica.

5 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar de que maneira pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica poderiam contribuir para o levantamento de informações de inteligência durante as operações militares, dentro do contexto de guerras de quarta geração. Esta pesquisa foi motivada pelo aumento da incidência de conflitos assimétricos nas beligerâncias contemporâneas, com ambientes operacionais cada vez mais complexos, crescente atuação de atores não estatais, e difícil distinção entre combatentes e não combatentes. Soma-se a esses fatores também a grande relevância que a inteligência assume na condução das operações no aludido cenário.

A hipótese inicial do estudo presumia que pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica, ao serem adequadamente treinadas em habilidades de inteligência, poderiam desempenhar um papel fundamental na aquisição de informações críticas do Teatro de Operações, em um cenário de guerra de quarta geração, abastecendo o comandante com conhecimentos essenciais para o seu processo decisório. Esta hipótese foi investigada por meio de uma detalhada revisão bibliográfica e uma extensa análise documental, sendo examinadas as práticas atuais na Força Aérea Brasileira e sua correlação com as teorias consagradas sobre inteligência militar e emprego de pequenas frações de tropa em conflitos

modernos.

A pesquisa destacou que as guerras de quarta geração são caracterizadas por uma fusão dos domínios militar, cultural e social, desafiando as tradicionais concepções de guerra convencional. Para operar nestes ambientes complexos, é necessário incorporar um entendimento único das dinâmicas sociais e culturais que influenciam os conflitos, modificando substancialmente a forma de combater e a abordagem de inteligência militar clássica.

Além disso, constatou-se que, não obstante as imensas evoluções tecnológicas, que alteraram a forma e a capacidade de coleta de dados para uso militar, a inteligência humana permanece indispensável. Apenas o discernimento humano é capaz de compreender as nuances de complexos ambientes operacionais, por meio da percepção e interpretação do contexto social e da interação direta com a população local.

Portanto, conforme apresentado pelos referenciais teóricos, nas guerras de quarta geração, a inteligência militar atua como ferramenta estratégica essencial para o suporte à tomada de decisão, fornecendo uma visão holística do Teatro de Operações. Neste íterim, a pesquisa evidenciou a importância de capacitar pequenas frações de tropa para executar a coleta de dados em campo, assim como analisar e interpretar situações que podem contribuir para o sucesso das operações.

Iniciando o capítulo de apresentação de dados e análise dos resultados, a verificação dos conflitos atuais mostrou que as guerras de quarta geração têm prevalecido no cenário mundial. Isso destaca a necessidade do preparo da Força Aérea Brasileira para o emprego nesse tipo de contenda, particularmente da Infantaria da Aeronáutica.

Em seguida, a análise sobre os possíveis empregos de tropa de INFAER em cenários de G4G destacou as dez Ações de Força Aérea que podem se valer destes valorosos meios: Ação Direta, Autodefesa de Superfície, Busca e Salvamento, Busca e Salvamento em Combate, Contraterrorismo, Defesa Antiaérea, Guiamento Aéreo Avançado, Polícia da Aeronáutica, Reconhecimento Especial e Segurança das Instalações.

Finalmente, a averiguação acerca da obtenção de dados de inteligência por fração de tropa de Infantaria da Aeronáutica evidenciou que a maior parte das legislações ressaltam a relevância da inteligência para o planejamento e execução das missões, contudo ficou destacado que os documentos não preveem a coleta de dados de inteligência por meio das frações de tropa. Além disso, não propõem procedimentos regulares e padronizados durante as missões. Isto vai de encontro aos apontamentos dos referenciais teóricos, que destacam a relevância fundamental da utilização das tropas em operações como elementos de

inteligência.

Os resultados da pesquisa demonstraram que a capacitação e o emprego de pequenas frações de tropa como vetores de inteligência podem ser diferenciais para o fornecimento de informações aos escalões superiores durante conflitos de quarta geração, confirmando a hipótese inicial. A comprovação da eficácia do emprego de pequenas frações da Infantaria da Aeronáutica na coleta de dados de inteligência neste contexto indica uma oportunidade de aperfeiçoamento das doutrinas atuais. Os processos de obtenção de dados de inteligência podem ser aprimorados, levando a uma ampliação da atuação das tropas de INFAER, que durante a execução de suas missões assumiriam um papel relevante na coleta de informações em campo.

Sendo assim, este artigo evidencia a importância do desenvolvimento de capacidades dinâmicas de inteligência, adequadas às exigências dos modernos ambientes operacionais. Desta forma, é necessário à FAB uma adaptação às complexidades dos conflitos contemporâneos, especialmente no que tange à integração entre a inteligência e as operações militares realizadas pela INFAER. Foi constatado que, apesar da existência de um arcabouço doutrinário que reconhece a importância da inteligência, há uma oportunidade de aprimoramento das legislações, com o intuito de promover a coleta proativa de dados em ambientes operacionais.

Desta forma, o problema de pesquisa foi respondido ao demonstrar que pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica podem contribuir significativamente para o levantamento de informações de inteligência durante as operações militares em guerras de quarta geração. A adaptação das doutrinas existentes e a capacitação dessas frações de tropa são primordiais para melhorar a coleta de informações e apoiar a tomada de decisões estratégicas e operacionais.

Verifica-se, portanto, que o estudo alcançou o objetivo geral de analisar de que maneira pequenas frações de tropa de Infantaria da Aeronáutica poderiam contribuir para o levantamento de informações de inteligência durante as operações militares, dentro do contexto de guerras de quarta geração.

Considerando as conclusões deste estudo, sugere-se que futuras pesquisas explorem metodologias para avaliar como a inteligência humana, coletada por pequenas frações de tropa, influencia o sucesso de operações militares. Adicionalmente, recomenda-se investigar métodos para implementar o treinamento de tropas na coleta de dados, garantindo que estas habilidades sejam integradas às missões operacionais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Comando de Preparo. Portaria COMPREP nº 178/COMPREP, de 03 de junho de 2019. Aprova a edição da Diretriz que dispõe sobre o Conceito de Emprego da Infantaria da Aeronáutica (DCA 125-5). **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Rio de Janeiro, n. 097, f. 7143, 06 jun. 2019.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Comando de Preparo. Portaria COMPREP nº 2.193/SPOG-50, de 31 de maio de 2023. Aprova a reedição do MCA 125-17 “Autodefesa de Superfície”. **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Rio de Janeiro, n. 102, f. 8061, 05 jun. 2023.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Comando de Preparo. Portaria COMPREP nº 607/COMPREP, de 08 de dezembro de 2021. Aprova a edição do MCA 55-42 “Operações Especiais”. **Boletim do Comando da Aeronáutica-AR**, Rio de Janeiro, n. 30, 17 dez. 2021.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. Portaria nº 1.225/GC3, de 10 de novembro de 2020a. Aprova a edição da Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira – Volume 2 (DCA 1-1). **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Rio de Janeiro, n. 205, f. 14966, 12 nov. 2020.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. Portaria EMAER nº 5/CEMAER, de 23 de fevereiro de 2022. Aprova a reedição da Doutrina de Inteligência da Aeronáutica (MCA 200-1). **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Rio de Janeiro, n. 041, f. 2788, 02 mar. 2022.
- BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. Portaria nº 1.597/GC3, de 10 de outubro de 2018. Aprova a reedição da Concepção Estratégica – Força Aérea 100 (DCA 11-45). **Boletim do Comando da Aeronáutica**, Rio de Janeiro, n. 180, f. 11264, 15 out. 2018.
- BRASIL. Decreto Legislativo nº 61, de 23 de maio de 2024. Aprova os textos da Política Nacional de Defesa (PND), da Estratégia Nacional de Defesa (END) e do Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN) 2020b. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 161, n. 100, p. 1, 24 maio 2024.
- BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. Portaria nº 031-EME, de 23 de fevereiro de 2015. Aprova o Manual de Fundamentos EB20-MF-10.107 Inteligência Militar Terrestre. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n. 09, 27 fev. 2015.
- CEPIK, M. **Espionagem e democracia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. United States Army. **Human intelligence collector operations** (FM 2-22.3). Washington, D.C.: Headquarters, Department of the Army, 2006.
- HAMMES, T. X. **The sling and the stone**: on war in the 21st century. 1. ed. Minneapolis: Zenith Press, 2006. Disponível em: <https://books.google.co.bw/books?id=d2Ux1lz0PUgC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 10 abr. 2024.

HERÓDOTO. **Histórias**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

HOFFMAN, F. G. **Conflict in the 21st century: the rise of hybrid wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. Disponível em: <https://potomacinstitute.org/reports/19-reports/1163-conflict-in-the-21st-century-the-rise-of-hybrid-wars>. Acesso em: 06 fev. 2024.

HURTADO, A. H. V. La inteligencia militar: el arma de apoyo de combate. **Revista de las Fuerzas Armadas**, n. 145, p. 21-28, 1992 Disponível em: <https://esdegrevistas.edu.co/index.php/refa/article/download/1276/1612>. Acesso em: 30 mar. 2024.

JACKSON, B. A. A inteligência contra os insurretos em uma guerra prolongada: a experiência britânica na Irlanda do Norte. **Military Review**, Edição Brasileira, v. 87, n. 4, p. 37-51, jul./ago. 2007

KILCULLEN, D. Counterinsurgency redux. **Small Wars Journal**, 2006. Disponível em: <https://smallwarsjournal.com/documents/kilcullen1.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

KILCULLEN, D. **Out of the mountains: the coming age of the urban guerrilla**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LIND, W. S. Compreendendo a guerra de quarta geração. **Military Review**, Edição Brasileira, v. 85, n. 3, p. 12-17, jan./fev. 2005.

LIND, W. S. *et al.* The changing face of war: into the fourth generation. **Marine Corps Gazette**, [s.l.], v. 73, n. 10, p. 22-26, out. 1989. Disponível em: <https://indianstrategicknowledgeonline.com/web/THE%20CHANGING%20FACE%20OF%200WAR%20INTO%20THE%204Th%20GENERATION.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

LIND, W. S.; THIELE, G. **4th generation warfare handbook**. Kouvola: Castalia House, 2015.

MCNEILLY, M. **Sun Tzu e a arte da guerra moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

TZU, S. **A arte da guerra**. Tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: LPM, 2009.

UPPSALA UNIVERSITET. **Uppsala Conflict Data Program (UCDP)**. Disponível em: <https://ucdp.uu.se/>. Acesso em: 5 maio 2024.

VISACRO, A. **Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

VISACRO, A. O desafio da transformação. **Military Review**, Edição Brasileira, v. 66, n. 2, p. 46-55, mar./abr. 2011.